



Amazônia Oriental
Ministério da Agricultura e do Abastecimento
Trav. Dr. Enéas Pinheiro s/n, Caixa Postal 48,
Fax (91) 276-9845, Fone: (91) 299-4544,
CEP 66095-100 e-mail: cpatu@cpatu.embrapa.br

COMUNICADO TÉCNICO

Comun. téc. Nº 27, Novembro/2000, p.1-4

ENXERTIA DA GRAVIOLEIRA (*Annona muricata* L.) EM PORTA-ENXERTOS DOS GÊNEROS *Annona* e *Rollinia*

José Edmar Urano de Carvalho¹
Marco Antonio Costa Ribeiro²
Walnice Maria Oliveira do Nascimento¹
Carlos Hans Müller¹

A enxertia constitui-se em prática mundialmente consagrada na fruticultura, sendo usada, em larga escala, nas principais espécies frutíferas, tanto de regiões de clima temperado como de clima tropical, e sua utilização permite a reprodução integral de genótipos que apresentam características desejáveis. Como vantagem adicional, a propagação por enxertia possibilita que as plantas entrem em fase de produção mais cedo.

Na Amazônia brasileira, a gravioleira (*Annona muricata* L.) é comumente propagada por sementes, advindo desse fato grandes variações entre plantas de um mesmo pomar, principalmente no que concerne à produtividade e tamanho dos frutos. Além disso, as plantas assim propagadas iniciam a fase de produção tardiamente e apresentam, na fase adulta, porte elevado (Cavalcante, 1991; Pinto & Silva, 1994), o que dificulta, sobremaneira o controle de pragas e doenças (Ledo & Azevedo, 1997), em particular as brocas do fruto e das sementes e a antracnose, amplamente disseminadas na região.

Para a gravioleira não existem, ainda, definições convincentes sobre a espécie de porta-enxerto mais adequada e, até mesmo, sobre o método de enxertia mais eficiente. No Brasil, o porta-enxerto mais utilizado é a própria gravioleira, embora o araticum-do-brejo (*Annona glabra* L.) seja freqüentemente citado como excelente opção para porta-enxerto, haja vista que apresenta características genéticas ananizantes, conferindo à gravioleira porte baixo (Pinto & Silva, 1994).

Patrocínio:

¹Eng.-Agr., M.Sc., Pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, Caixa Postal 48, CEP 66017-970, Belém, PA.

²Bolsista convênio Embrapa/PIBIC/FCAP.

A utilização de espécies afins, como porta-enxerto para a gravioleira, na Amazônia brasileira, foi primeiramente estudada por Ferreira & Clement (1987), quando observaram a superioridade dos porta-enxertos araticum (*Annona montana* Macf.) e biribá (*Rollinia mucosa* (Jacq.) Bail.), em termos de percentagem de enxertos pegos, em relação aos porta-enxertos de araticum-do-brejo (*A. glabra*) e graviola (*A. muricata*). Por outro lado, Pinto, citado por Bezerra & Ledermann (1997), obteve, nas condições do Brasil central, 91% de enxertos pegos, quando enxertou gemas de gravioleira sobre *A. glabra*.

Este trabalho teve como objetivo avaliar a percentagem de enxertos pegos e o crescimento inicial da gravioleira, quando enxertada em porta-enxertos alternativos. Foram consideradas as seguintes espécies como porta-enxerto: gravioleira (testemunha), araticunzeiro, araticunzeiro-do-brejo, e biribazeiro. Os porta-enxertos foram formados em sacos de polietileno com dimensões de 18 cm de largura e 35 cm de altura, contendo como substrato a mistura de 20% de esterco de galinha, 20% de serragem e 60% de solo e apresentavam, por ocasião da enxertia, sete meses de idade, com exceção do araticunzeiro-do-brejo, cuja idade foi de nove meses.

O experimento foi conduzido em delineamento em blocos ao acaso, com quatro tratamentos e cinco repetições, sendo cada parcela representada por dez plantas.

A enxertia foi efetuada pelo método de borbulhia em placa, fazendo-se a inserção do enxerto a cerca de 20 cm da base do porta-enxerto. As hastes (porta-borbulhas) foram retiradas de uma única planta-matriz estabelecida na sede da Embrapa Amazônia Oriental, em Belém, PA e identificada como CPATU-001. Decorridos 30 dias da operação de enxertia retirou-se a fita que envolvia o enxerto e, concomitantemente, efetuou-se a decapitação do porta-enxerto a cerca de 5 cm da porção superior do enxerto. A avaliação da percentagem de enxertos pegos foi efetuada 45 dias após a remoção da fita, considerando-se como pego, apenas os enxertos que apresentavam gemas brotadas. Nessa ocasião, efetuaram-se as mensurações referentes ao comprimento e ao diâmetro basal da brotação e determinou-se o número de folhas no enxerto.

A percentagem de enxertos pegos foi elevada em todos os quatro porta-enxertos testados, sempre com valor igual ou superior a 90% (Fig. 1), demonstrando a grande afinidade de *A. muricata* com *A. montana*, *A. glabra* e *R. mucosa*.

Quando a enxertia foi efetuada sobre a própria gravioleira ou sobre *A. montana*, o crescimento vegetativo dos enxertos, tanto em termos de comprimento como de diâmetro foi bem maior do que quando enxertada sobre *R. mucosa* e *A. glabra*. Nas duas primeiras combinações, o maior crescimento dos enxertos, principalmente em comprimento, proporcionou também emissão de maior número de folhas (Tabela 1).

O desempenho menos satisfatório no crescimento vegetativo dos enxertos de gravioleira sobre *A. glabra* não significa menor afinidade nessa combinação. Provavelmente, tal fato seja decorrente das características ananicas desse tipo de porta-enxerto.

Figura 1. Percentagem de enxertos pegos de gravioleira, em função da espécie de porta-enxerto.

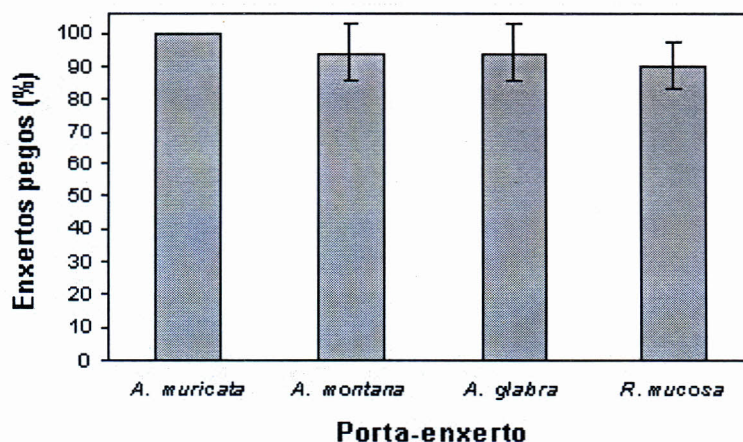


TABELA 1. Crescimento vegetativo de enxertos de gravioleira sobre quatro diferentes tipos de porta-enxertos.

A enxertia da gravioleira, por borbulhia em placa, em porta-enxertos de araticunzeiro, araticunzeiro-do-brejo ou biribá apresentou, em todos os casos, alta percentagem de enxertos pegos, semelhante ao verificado quando a própria gravioleira foi usada como porta-enxerto.

Porta-enxerto	Comprimento (cm)	Diâmetro (cm)	Folhas (nº)
<i>Annona muricata</i>	33,7	0,5	16,0
<i>Annona montana</i>	31,5	0,5	14,4
<i>Annona glabra</i>	9,8	0,3	6,5
<i>Rolinia mucosa</i>	16,4	0,3	9,4

Os enxertos de gravioleira cresceram mais rapidamente e emitiram maior número de folhas quando enxertados sobre gravioleira ou araticunzeiro. Crescimento bem menos satisfatório foi observado quando a combinação enxerto x porta-enxerto envolveu a gravioleira e o araticunzeiro-do-brejo, evidenciando, já na fase inicial de crescimento do enxerto o caráter ananicante do araticunzeiro-do-brejo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAVALCANTE, P. **Frutas comestíveis da Amazônia**. 5ed. Belém: CEJUP, 1991. 279p.
- LEDO, A. da S.; AZEVEDO, F.F. de. **Métodos de enxertia para a gravioleira em Rio Branco-Acre**. Rio Branco: Embrapa-CPAF-Acre, 1997. 5p. (Embrapa-CPAF-Acre. Instruções Técnicas, 3).
- BEZERRA, J.E.F.; LEDERMANN, I.L. Propagação vegetativa de anonáceas por enxertia. In: SÃO JOSÉ, A.R.; SOUZA, I.V.; MORAIS, O.M.; REBOUÇAS, T.N. ed. **Anonáceas: produção e mercado** (pinha, graviola, atemóia e cherimóia). Vitória da Conquista: DFZ/UESB, 1997. p.61-67.
- FERREIRA, S.A.N.; CLEMENT, C. Avaliação de diferentes porta-enxertos para a gravioleira na Amazônia central. I - Métodos de enxertia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FRUTICULTURA, 9., 1987, Campinas. **Anais...**Campinas: Sociedade Brasileira de Fruticultura, 1987. p.475-479.
- PINTO, C.A.Q.; SILVA, E.M. da. **Graviola para exportação: aspectos técnicos da produção**. Brasília: EMBRAPA/SPI/FRUPEX, 1994 (FRUPEX. Publicações Técnicas, 7).